

ENTRE O “SONHO” E A “REALIDADE”: O SONHO AMERICANO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO CAPITÃO AMÉRICA PÓS 11 DE SETEMBRO

RODRIGO APARECIDO DE ARAÚJO PEDROSO*

INTRODUÇÃO

Em 1941, mesmo ano em que os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial, a *Timely Comics* (atualmente *Marvel Comics*) apresentou ao público americano um novo super-herói: o Capitão América¹. O personagem, criado por Joe Simon e Jack Kirby, era um herói patriótico vestido com a bandeira de seu país e disposto a lutar até o fim contra nazistas, japoneses e fascistas. As primeiras histórias do personagem estavam profundamente conectadas com os esforços e a propaganda de guerra norte-americana para derrotar a ameaça nazista e fascista. Com o fim da Segunda Guerra Mundial as HQs² Capitão América continuaram a ser publicadas, no entanto, o personagem passou pelas mãos de diferentes equipes criativas que procuravam fazer modificações ou ajustes para mantê-lo atualizado para um mercado consumidor e conjunturas políticas e culturais em constante mudança.

Assim, pode-se dizer que estas mudanças pelas quais o personagem passou ao longo do século XX caracterizam tentativas, em certa medida, de adaptá-lo a novos contextos históricos. E de relacioná-lo a fatos considerados importantes ligados à política interna e externa dos Estados Unidos, como a Segunda Guerra, a Guerra Fria e, mais recentemente, a Guerra ao Terror.

Na manhã de 11 de setembro de 2001 ocorreu um fato trágico nos Estados Unidos, aviões foram sequestrados e lançados contra as Torres Gêmeas do *World Trade Center* e ao Pentágono, a autoria foi atribuída ao grupo extremista de orientação islâmico *Al-Qaeda*. Estes atentados provocaram à morte de mais de 3 mil cidadãos norte-americanos e, também, levaram o governo norte-americano a iniciar uma nova investida militar a chamada “Guerra

* Mestrando em História Social FFLCH-USP.

¹ O jovem Steve Rogers tinha muita vontade de lutar para defender seu país das ameaças, porém, suas condições físicas não o qualificavam para entrar no exército americano. Disposto a tudo para defender seu país, Rogers aceitou participar de um perigoso experimento secreto que visava criar um supersoldado. Assim, devido ao soro do supersoldado o jovem patriota Steve Rogers ganhou um corpo atlético, muito mais resistente ágil do que o de um ser humano normal e tornando-se o Capitão América, o Sentinela da Liberdade. Esta é a origem que os autores criaram para o personagem.

² Usaremos HQ como abreviação de Histórias em Quadrinhos.

ao Terror” que resultou na invasão do Afeganistão e, posteriormente, do Iraque, sob o pretexto de coibir a proliferação de grupos terroristas nessas nações.

Em meio a toda mobilização justificada pelos atentados e pela nova luta na qual os Estados Unidos estavam se engajando, a *Marvel Comics* publicou, entre junho e dezembro de 2002, uma nova série de histórias em quadrinhos do Capitão América, ambientadas no contexto histórico após os atentados de 11 de setembro de 2001.

As narrativas em questão constituem uma série de seis edições da recém-relançada revista do Capitão América, escritas por John Ney Rieber e desenhadas por John Cassaday. As referidas histórias mostram o herói primeiramente tentando desesperadamente retirar alguém com vida dos escombros das tores do *World Trade Center*. Posteriormente o vemos combatendo terroristas que invadiram uma pequena cidade do interior e fizeram todos os moradores reféns, cabendo ao Capitão combater e livrar a cidade dos terroristas. E, no decorrer dessa aventura, o herói é levado a fazer uma viagem por suas lembranças da Segunda Guerra, quando ele retorna à Alemanha para combater o grande responsável pelo ataque à pequena cidade. O objetivo deste trabalho é analisar essa nova configuração do personagem e determinar como ela dialoga com as questões que estavam em pauta no contexto em que foram produzidas.

O “NOVO” CAPITÃO AMÉRICA E O SONHO AMERICANO

Nessa nova série de HQs do Capitão América pode-se dizer que há uma união entre realidade e ficção, pois vemos a representação de fatos reais, atentados de 11 de setembro, do ponto de vista de um universo de personagens fictícios. Há também a criação de um evento – o ataque terrorista a pequena cidade de *Centerville* – que serve como uma justificativa para a ação do herói. Os autores procuraram construir uma nova versão do Capitão América, que foi caracterizado como um herói obstinado em resgatar alguém com vida dos escombros das torres e, ao mesmo tempo, ele manifesta um forte sentimento de “culpa”, por não ter conseguido evitar o ataque que seu país sofreu. Tal sentimento é o grande motivador das ações do personagem ao longo da HQ.

Outro grande motivador da ação do personagem é o “Sonho Americano”, ou *American Dream*, de acordo com o escritor John Ney Rieber

Eu acredito que primeiramente a lealdade do Capitão é para com o Sonho Americano. E eu acredito que sua visão da América é firmemente baseada na Constituição e na Carta de Direitos... Temperada por uma visão bem acurada do mundo que está em volta dele. Eu acredito que ele considera a história da nação como uma luta entre o Sonho Americano e a Realidade Americana.³

Antes se faz necessário alguns esclarecimentos com relação ao que entendemos por mito. O conceito de mito envolve uma série de definições, é encarado muitas vezes como algo falso, irreal que tem como função explicar algo ou justificar alguma determinada organização social. Como o foco deste trabalho é analisar o papel de certos mitos na organização política de um país usaremos o conceito de “mito político” desenvolvido por Raoul Girardet, para ele

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito importante nas origens das cruzadas e também das revoluções. (1987, p.13)

Resumidamente pode-se dizer que o “mito político” apresenta três dimensões: “deformadora”, “explicativa” e “mobilizadora”. Essas dimensões fazem com que o “mito político” também seja “polimorfo”, ou seja, uma determinada “imagem onírica” pode ser transmitida por diversos mitos e, também, segundo Girardet “é preciso igualmente entender que um mesmo mito é suscetível de oferecer múltiplas ressonâncias e não menos numerosas significações.” (1987, p.15)

Posto isso, procuraremos analisar que tipo de “imagens oníricas” são divulgadas pelo “Sonho Americano”, ou melhor, pela versão dele criada para as HQs do Capitão América e que significado o autor procurou dar a sua versão do mito dentro do contexto dos atentados de 11 de setembro.

A primeira menção ao “Sonho Americano” feita na história em quadrinhos do Capitão América ocorre entre as páginas 32 e 33 da primeira edição original americana, logo após as cenas onde o Capitão salva um jovem árabe-americano de ser agredido por um grupo de homens confusos e nervosos devido a suas perdas no atentado. Nessa parte o herói evoca e

³ “I believe that Cap's primary loyalty is to the American dream. And I believe that his view of America is based firmly on the constitution and the bill of rights--tempered by a very accurate perception of the world around him. I believe that he considers the history of the nation as a struggle between the American dream and the American reality.” (Tradução nossa) Entrevista disponível em: < <http://www.buzzcomics.net/archive/index.php/t-498.html> > Acesso em: 23/01/2013

caracteriza o “Sonho Americano” como a “única força” capaz de unir o povo americano nesse momento, diz que ele e o “povo americano” estão “Unidos por um poder que nenhum **inimigo da liberdade** poderia entender. Nós compartilhamos... Nós somos... o **Sonho Americano.**”⁴

Aqui se percebe que o “Sonho Americano” não é apontado somente como um elemento de união e identificação nacional, mas também como um diferencial entre o “povo” americano e os seus “inimigos”, ou seja, ele pode ser considerado um elemento de diferenciação entre “Nós” e os “Outros”. Além disso, outro elemento que é usado para caracterizar os americanos na HQ é a “liberdade”, os “inimigos” são contra a “liberdade”. Logo ser contra esta é ser contra o povo americano, pois a liberdade é apontada como algo inerente à identidade norte-americana.

Essa distinção entre “Nós” e “Outros” é algo comum na constituição da identidade de muitos seres humanos, segundo Todorov (1993) de forma resumida, ela ocorre tanto em uma dimensão “individual” quanto “coletiva”; individualmente onde um “eu” a partir de um autoconhecimento se distingue de um “outro”, isto também pode ocorrer internamente “pode-se descobrir os outros em si mesmo” (p.03). Já num âmbito coletivo os Outros constituem

[...] um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a mesma espécie. (TODOROV, 1993, p.03)

Esta última definição dada por Todorov se enquadra bem na distinção que o autor fez entre o povo americano e seus inimigos. “Eles” não entendem, “não podem compreender” o significado do “Sonho Americano” e o poder que ele tem. Só o povo americano pode entender o verdadeiro significado dele, isto os torna diferentes. Esta oposição entre “Nós” e “Outros” parece ser essencial para criação de uma identidade nacional norte-americana.

O Sonho Americano se relaciona com outros dois “mitos nacionais” dos Estados Unidos o “Excepcionalismo” e o “Destino Manifesto”, juntos eles fornecem os elementos fundamentais da identidade do povo norte-americano. O “Excepcionalismo” e o “Destino Manifesto” remontam a uma visão mítica que se tinha da América na época de sua

⁴ “United by a power that no **enemy of freedom** could **begin** to understand./ We share... We are... **The American Dream**” (Tradução nossa e negrito no original) Captain America nº1, p.32 e 33, jun. 2002.

colonização, quando era tratada por muitos como uma espécie de “paraíso na Terra”, um local onde haveriam coisas fantásticas – como a cidade de ouro *El Dourado* – que fugiam a uma explicação racional. Essa visão foi algo recorrente a muitos dos que colonizaram a América (espanhóis, portugueses, franceses e ingleses), no caso específico dos Puritanos (calvinistas) que, ao fugirem da perseguição religiosa na Inglaterra, colonizaram o que hoje são os Estados Unidos, o “Novo Mundo” foi interpretado como a “Terra Prometida” que Deus havia destinado aos hebreus no Antigo Testamento da Bíblia.

Partindo desta interpretação religiosa os colonizadores do que seriam os EUA se consideravam um povo “eleito” por Deus, e sua jornada para a América era uma chance de construir uma nova sociedade “livre” dos males e pecados do “Velho Mundo”, eram uma comunidade de escolhidos numa Terra Prometida. Segundo o historiador Arthur Schlesinger: “A aliança ou *covenant* de salvação passara, ao que parece, dos judeus para os colonos americanos. Como o pecado original, essa proposição secularizou-se no século XVIII.” (1992, p.15) Essa “secularização” sugerida por ele se tornou mais evidente a partir da Revolução Americana (ou Guerra de Independência), com a derrota inglesa o pensamento de que os americanos eram um povo especial tornou-se mais forte, pois eles haviam realizado um grande feito, tornaram-se a primeira colônia livre da América, isto tornou-se mais um indicativo da “excepcionalidade” americana.

Com o passar do tempo essas ideias foram se desenvolvendo e deram forma ao mito do “Destino Manifesto”, por ser um povo escolhido por Deus, os americanos teriam uma grande missão: “conduzir a regeneração do mundo”⁵. A ideia do “Destino Manifesto” penetrou no imaginário coletivo dos EUA levando-os a acreditar que são um tipo de “supernação” que tem uma missão especial e permanente de salvar o mundo, e espalhar a liberdade e a democracia por todas as partes do mundo, como os super-heróis de histórias em quadrinhos e o Capitão América é um bom exemplo disso.

Segundo Walter Allen (1972) o “Sonho Americano” possui raízes profundas na história dos EUA, a primeira manifestação do sonho encontra-se na Declaração de Independência de 1776, que ao dizer “que todos os homens foram criados iguais, e que foram

⁵ Trecho de uma citação do historiador e senador norte-americano Albert J. Beveridge (1862-1927). In: SCHLESINGER Jr., Arthur M. **Os ciclos da história americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. (p.18)

agraciados pelo Criador com certos direitos inalienáveis, e que estes são: a vida, a liberdade e a procura da felicidade.”⁶ A Declaração de Independência, segundo Allen, é um documento de grande importância para entender o “Sonho Americano”, os direitos apresentados por ela ainda são tão revolucionários quanto a duzentos anos. Além disso, “A declaração é a expressão de um sonho quase no sentido freudiano clássico, pois trata da realização de desejos que talvez nunca possam se tornar completas realidades.” (ALLEN, 1972, p.02)

Partindo disto podemos compreender um pouco mais o significado do “Sonho Americano” que pode ser considerado como um objetivo que guia os EUA. É representado como uma busca por uma sociedade livre e igualitária na qual todos os cidadãos, por meio de seu trabalho individual, contribuem para o desenvolvimento do país.

Nas HQs do Capitão América o sentido dado para o “Sonho” é algo próximo disso, é um ideal, que guia o herói, mas que também deve guiar o povo americano. Na quarta edição da revista *Captain America*, de setembro de 2002 na página 25, apresenta outra interpretação do desse sonho, uma visão mais particular. Após sair de uma base militar – onde foi em busca de alguns esclarecimentos de seus superiores – o Capitão segue em sua moto em meio aos festejos de julho e reflete sobre como poderia ser sua vida se não fosse um herói:

*Você poderia ter tido um lar. Poderia estar lá agora.
Numa casinha branca. Numa rua calma e ensolarada.
Sem ninguém disparando mísseis em você.
Sabendo quem são seus amigos...
Ouvindo as crianças do vizinho gritando e correndo através dos irrigadores mais uma vez. Enquanto ela toma sol. Aquela que você ama.
Aquela que ama você.⁷*

Essa parte da HQ tem uma importante função dentro do contexto dessa nova configuração do personagem, ela remete a um ponto de vista mais íntimo do personagem, mostra com que ele “sonha”, que alternativa ele idealiza para sua vida se ele não fosse o Capitão América. A versão pessoal do “Sonho Americano” do Capitão América se resume a um “lar”, numa vizinhança “calma” ao lado de “amigos” e da “mulher que ama”. Apesar de

⁶Este trecho da Declaração de Independência dos Estados Unidos foi retirado do texto Walter Allen (p.02), para lê-la na íntegra traduzida consultar: http://www.arqnet.pt/portal/teoria/declaracao_vport.html

⁷ “You could have had a **home**. You could be there **now**./ In a little white house. One quiet sunny street./ Nobody firing **missiles** at you./ Knowing who your friends are.../ Listening the neighbors’ **kids** squeal, running through the sprinklers one more time. While **she** works on her tan. The one you love./ The one who loves you.” (Tradução nossa e negrito no original) *Captain America* nº4, p.25, set. 2002.

parecer algo íntimo e pessoal esse sonho do personagem faz uma clara referência ao que podemos chamar de lado materialista do “Sonho Americano”.

Segundo Robert Darnton (2005) o “Sonho Americano” pode ser relacionado com o direito à “busca da felicidade” estabelecido pela Declaração de Independência. Este direito à busca da felicidade remonta ao pensamento do filósofo John Locke, que foi um dos primeiros a associar esse tipo de “busca” com o direito a propriedade. Nos Estados Unidos a associação entre direito à “propriedade” e “felicidade” foi desenvolvida por George Mason, e posteriormente foi assimilado por Thomas Jefferson que o incluiu na Declaração de Independência. Assim, a ideia de “busca da felicidade” passou a ser associada a “propriedade”. Com o passar do tempo essa busca pela felicidade foi adquirido contornos ainda mais materialistas, resumindo-se à busca praticamente infinita por algum tipo de bem material. Essa busca constante é outro elemento que caracteriza o direito à felicidade, segundo Darnton esse direito é “algo a se buscado, não é algo que caía do céu” (2005, p.119).

Essa busca passou a ser vinculada com a ideia de “trabalho duro”, para ser feliz você tem que fazer por merecer, precisa passar por privações e desafios. Esse sentido foi muito bem incorporado por muitos dos imigrantes que se instalaram nos EUA, eles criaram suas próprias versões do “Sonho Americano”. E, para muitos deles, este se resumia em ter “seus próprios terrenos, em casas com jardins e cercas brancas de madeira [...] Para aquelas pessoas, a América era de fato a terra das oportunidades, mesmo que fossem necessárias duas gerações para livrá-las das favelas [...]” (DARNTON, 2005, p.119-120)

Voltando aos quadrinhos do Capitão América, notamos esse sentimento de privação quando ele diz: “Você poderia ter tido um **lar**. Poderia estar lá **agora**. / Numa casinha branca. Numa rua calma e ensolarada.” O herói, mesmo com suas características sobre-humanas, manifesta o desejo de possuir uma propriedade, uma “casinha branca”; ele anseia por ter amigos, por ter paz e, principalmente, ter uma mulher para amar. Mas sua condição de herói e sua luta (ou missão) não permite que ele goze desta felicidade. Para o Capitão América a realização de sua versão do “Sonho Americano” ainda está longe, assim como para muitos habitantes dos Estados Unidos (nascidos lá ou imigrantes), o ideal do “Sonho” e a felicidade decorrente da sua realização ainda é algo a ser alcançado. O “Sonho Americano oferece a promessa de que, se trabalhar, você – ou pelo menos os seus filhos – será recompensado com uma vida melhor.” (HERTSGAARD, 2003, p.161)

Além disso, essa ambição materialista do Capitão América é um indicativo de sua humanidade, ou melhor, ela transmite a ideia que mesmo tendo superpoderes ele, assim como qualquer outro homem, também sonha com uma vida melhor. Sendo assim o que diferencia o Capitão América de outro cidadão americano (além de seus poderes sobre-humanos)? Esta diferenciação entre “Herói” e “Cidadão” é um ponto muito discutido pelo autor da HQ. Em linhas gerais, o autor afirma que não há grandes diferenças entre o Capitão América e um cidadão “comum”. O que os diferencia é a atitude, ou seja, qualquer pessoa pode ser como ele basta assumir o mesmo compromisso que o herói.

Isto fica evidente na página 24 da quarta edição da HQ, nela vemos uma família que está assistindo às comemorações do 4 de julho, e quando uma das crianças avista o Capitão América ocorre o seguinte diálogo:

Garota (Cat) – Joel, Joel, olhe... É aquele cara super-herói! Da TV, eu juro...

Garoto (Joel) – Ele tirou a máscara, Cat. Ele não é um super-herói... Papai diz que ele é só um herói. Tipo, as pessoas podem fazer muitas das coisas que ele faz. Se elas...

Pai (completando a frase do garoto) – Se nos importássemos tanto. E tentássemos com afinco.⁸

Constata-se que o Capitão América não é mais visto como um super-herói agora “ele é só um herói” e isto trás suas façanhas para o nível de um ser humano “normal”. Qualquer um que se importe e se esforce tanto quanto o Capitão pode fazer muito do que “ele faz”. A diferença entre o Capitão e um cidadão comum, novamente, está na atitude de cada um. Steve Rogers, o homem por trás da máscara, é como qualquer outra “pessoa comum”, o que o faz diferente não são seus superpoderes, mas sua determinação em lutar por seu país, ele se importa e tenta fazer mais do que as outras pessoas.

Assim pode-se dizer que as páginas 24 e 25 mostram que escolhas o Capitão América teve que fazer para se tornar um “herói”, para ele defender seu país é o mais importante. Mais importante que suas ambições pessoais, deixadas de lado em nome de seu ideal. A determinação e altruísmo do personagem são tão grandes que ele está disposto a sacrificar sua “felicidade”, seu “bem-estar” e sua versão do Sonho Americano. Nas páginas seguintes, dessa

⁸ O texto original é o seguinte: - Joel, Joel, look... It's that super hero guy! From TV, I swear.../ - He took his mask off, Cat. He's not a super hero... Dad says, just a hero. Like, people could do a lot of stuff he does, if they.../ - If we cared as much. And tried as hard. (Tradução nossa e negritos no original) Captain America nº4, p.24, set. 2002.

aventura, enquanto é atacado e cercado por terroristas, ele imagina como poderia ser sua vida dentro do Sonho Americano com sua amada e, mesmo ferido, ele não desiste de lutar. Pois sua luta é para garantir que todos tenham a oportunidade de buscar e, talvez, desfrutar do Sonho.

Na sequência, da página 28 a 33, vemos uma série de quadros que mostram o Capitão América tentando escapar de seus inimigos que o encurralaram no alto da represa. Numa tentativa desesperada de fuga ele salta da represa e se precipita em direção a uma bandeira dos Estados Unidos, pensando: “Agarre o Sonho./ Se você não acreditar... quem o fará?/ Basta agarrá-lo soldado.../ Agarre-se ao Sonho.”⁹ Essa sequência termina com um imagem do herói caindo em chamas agarrado na bandeira dos EUA concluído seu pensamento sobre o Sonho com a seguinte frase: “Você não tem que experimentá-lo” [You don’t have to taste it].

Esta parte da HQ nos fornece mais um importante dado sobre o Capitão América e sobre o porquê de sua luta constante. Ele não apenas deve acreditar no Sonho Americano, o herói como um símbolo nacional deve – mais do que qualquer outro norte-americano – “acreditar” e “agarrar-se” ao sonho. Pois se o Capitão América não o fizer ninguém mais o fará. Ser um herói nesse momento tão complicado para os Estados Unidos requer um esforço ainda maior para manter o “povo” unido e confiante no poder do Sonho Americano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas histórias em quadrinhos pós-ataentados de 11 de setembro o Capitão América é mais do que um soldado lutando por seu país. Ele pode ser considerado como uma representação de valores e ideais que fazem parte do imaginário norte-americano e que, como vimos rementem à Declaração de Independência e a uma autosseleção do passado americano, onde fatos reais e interpretações míticas da América estão unidos.

O Sonho Americano apresenta duas visões, uma é a busca por ideais utópicos de liberdade e igualdade que são considerados valores universais imprescindíveis a todos os seres humanos. A outra visão é uma busca por ideais individuais, a busca da “felicidade”, que

⁹ “Hold the Dream./ If you don’t believe... Who will?/ It’s enough to hold it, soldier.../ Hold the Dream.” (Tradução nossa) Captain America nº4, p.29 a 31, set. 2002.

muitas vezes se manifesta de forma materialista, uma busca por bens, propriedades, riquezas etc. O “novo” Capitão América encarna estas duas visões do Sonho Americano.

Assim, as HQs do Capitão América apresentam uma função que vai além de uma mera propaganda ideológica patriótica, elas reafirmam antigos “mitos nacionais” e usam o poder mobilizador deles para gerar um cenário fictício onde estes, na figura do Capitão América, se tornam uma alternativa válida para superar a crise gerada pelos atentados de 11 de setembro.

Entretanto, as histórias em quadrinhos apresentam uma alternativa, ainda que restrita, e evocam uma vontade popular de mudar, de construir e de lutar por uma América que seja mais próxima do ideal do Sonho Americano. E como foi afirmado pelo autor das HQs seu objetivo era criar uma nova versão do herói que luta por uma versão dos Estados Unidos ideal, ou seja, o Capitão América luta para transformar a realidade americana.

Esse embate entre “Sonho” e “Realidade” aparece como principal motivador não só da ação do Capitão América, mas de todo o povo norte-americano. Os “mitos políticos” dos Estados Unidos fornecem um recorte intencional de seu passado, onde a história da ocupação de seu território é mostrada como uma luta incessante de um povo, que nunca se conformou com a realidade em viviam e procuraram – de todas as maneiras possíveis – mudar essa realidade. E de acordo com seus mitos essa busca por um sonho, por um determinado ideal de felicidade é o grande motor dos Estados Unidos. Sua crença de que são um povo escolhido por Deus, de que vivem numa Terra Prometida; sua visão de que tem como destino levar seus sonhos para todas as partes do mundo, usando a violência quando necessária, confere aos EUA características interessantes, que despertam sentimentos ambíguos, de admiração e de ódio principalmente por parte dos que são alvos de suas tentativas de expansão do Sonho Americano.

Evidentemente, estas ideias não são aceitas unanimemente por todos os norte-americanos a quem as critique, questione ou as use para outros fins – como o autor da HQ do Capitão América tentou fazer – a controvérsia sobre esses mitos é grande. Entretanto, como afirma a historiadora Mary Anne Junqueira: “Esse mito da América esta repleto de símbolos e valores que penetraram a construção da identidade e o nacionalismo, atravessando toda a sociedade norte-americana.” (JUNQUEIRA, 2003, p.170)

Os Sonhos Americanos justificam muitas coisas e motivam muitas ações individuais e coletivas, mas a principal questão que a HQ do Capitão América levanta, e não responde, é se

realmente o Sonho Americano tem o potencial de transformar a realidade dos Estados Unidos, esse Sonho pode ajudar um povo inteiro a superar um momento de grande terror e de mudar a atuação internacional dos EUA? Aparentemente, por enquanto, tudo que foi proposto pelas HQs não deixará de fazer parte do mundo da ficção, pois até o momento os Estados Unidos não deram nenhuma amostra de que pretendem mudar sua política internacional.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Walter Ernest. **Sonho americano e o homem moderno**. Rio de Janeiro: Lidaador, 1972.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: Um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HERTSGAARD, Mark. **A sombra da águia**: por que os Estados Unidos fascinam e enfurecem o mundo. Rio de Janeiro: Record, 2003.

JUNQUEIRA, Mary A. **Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte-americano**. In: Margem, São Paulo, nº 17, p. 163-171, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/margem/pdf/m17mj.pdf>> Acesso em: 10/04/2013

SCHLESINGER JR., Arthur M. **Os ciclos da história americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martinz Fontes, 1993.